

## O MENINO NA LÍNGUA: ERROS DE GÊNERO COMO MARCAS DE SUBJETIVAÇÃO

**Palavras-Chave:** linguagem e psicanálise; complexo de Édipo; gênero gramatical.

**Autores(as):**

**Viviane Carvalho, IEL/UNICAMP**

**Prof. Dr. Lauro Baldini (orientador), IEL/UNICAMP**

---

### INTRODUÇÃO

Estudos formais na área de aquisição da linguagem se amparam na noção de desenvolvimento para descrever o processo no qual uma criança se torna falante nativo de uma língua. Nesses estudos, a língua é tomada como objeto a ser progressivamente apreendido/adquirido pela criança, detentora da capacidade linguística necessária para tal feito. Estudos interacionistas na área de aquisição, contudo, se opõem a essa noção de desenvolvimento ao propor uma mudança de foco: a criança é capturada pela linguagem, por um funcionamento linguístico-discursivo que a significa e que também lhe permite significar (Lemos, 2002). Nesse sentido, o próprio termo “aquisição” (da língua pelo falante) é posto em questão, pois, para os estudos interacionistas, o que de fato ocorre é uma “captura” (do sujeito pela linguagem).

Durante a trajetória de *infans* a sujeito falante, a mudança – isto é, a heterogeneidade, a imprevisibilidade – é característica da fala da criança, porque a criança assume diferentes posições numa estrutura em que a fala do outro, a língua e o seu corpo pulsional estão indissociavelmente relacionados (Lemos, 2006). Em outras palavras, as mudanças apreensíveis na fala da criança se devem às mudanças de posição dessa criança em uma estrutura que é dominada ora pela fala do outro (primeira posição), ora pelo funcionamento da língua (segunda posição) e ora pela relação do sujeito com sua própria fala (terceira posição) – o que não significa, porém, que tais posições sejam cronologicamente ordenadas; elas, na realidade, se sobrepõem umas às outras.

Na segunda posição, foco desta pesquisa, a fala da criança é permeada por “erros”, isto é, por estruturas linguísticas inovadoras, divergentes da fala do adulto, que sinalizam (juntamente com a impermeabilidade das correções) um distanciamento da fala do outro, marcando a subjetivação da criança na/pela língua. E, no que tange à sexuação (Lacan, 1985 [1972-1973]), essa subjetivação é marcada, em Português Brasileiro (PB), no gênero gramatical (Lemos, 2002).

De acordo com a psicanálise lacaniana, esse distanciamento da fala do outro se torna possível devido à primazia do significante sobre o significado, ao deslizamento de significação, ao caráter constitutivo dos espaços de equívoco na língua – ao inconsciente que fala (Lemos, 2016). Nas palavras do próprio psicanalista:

“[...] o inconsciente, por ser ‘estruturado como uma linguagem’, isto é, como a língua que ele habita, está sujeito à equívocidade pela qual cada uma delas se distingue. *Uma língua entre outras não é nada*”

*além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real – o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o real de que não existe relação sexual – se depositou ao longo das eras. [...] A linguagem, portanto, [...] não surte ali outro efeito senão o da estrutura em que se motiva essa incidência do real.” (Lacan, 2003 [1973], p. 492, grifo nosso)*

Desse modo, o gênero gramatical é tomado como uma “zona privilegiada” de erros (Lemos, 2002), como um espaço de equívoco por excelência, no qual se cruzam a trajetória da criança na/pela língua e a travessia da criança pelo drama edipiano – visto que a descoberta da diferença sexual e a proibição do desejo incestuoso estão atreladas ao ingresso na ordem simbólica, e, por consequência, na linguagem (Lacan, 1999 [1958]).

Ao olhar, então, para os erros de gênero gramatical durante o período de aquisição de PB como língua materna, tomamos como base as descrições morfossintáticas de Mattoso Câmara (2019 [1970]) e o estudo interacionista de Figueira (2005), segundo o qual há um deslizamento unidirecional das marcas de gênero na fala de meninas – isto é, de um suposto masculino para o feminino. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é investigar a existência de erros de gênero gramatical na fala de meninos durante o percurso pelo complexo de Édipo, assumindo como hipótese a existência de um deslizamento unidirecional das marcas de gênero em sentido contrário – isto é, de um suposto feminino para o masculino.

## **MATERIAL E MÉTODO**

Nesta pesquisa, os sujeitos FE, LU e TI são observados longitudinalmente (1;09 a 2;04, 1;06 a 2;03 e 0;11 a 5;00, respectivamente) a partir das gravações coletadas entre 1970 e 1981 pelo Projeto de Aquisição da Linguagem Oral e atualmente arquivadas no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE – IEL/UNICAMP). Essas gravações consistem em áudios semanais de cerca de 30 minutos de duração, nos quais o sujeito interage com investigadores e/ou familiares próximos.

Sendo assim, o material para análise foi obtido a partir da escuta desses áudios e das transcrições dos episódios nos quais ocorrem erros de gênero gramatical. Em todos os episódios transcritos estão indicados o contexto e os participantes da interação, bem como a idade do sujeito em questão (no seguinte formato: número de anos seguido de ponto-e-vírgula, número de meses seguido de ponto simples e número de dias).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao todo, foram encontrados no material dez episódios de erros de gênero gramatical: em seis (1 de FE, 1 de LU e 4 de TI), as marcas de gênero deslizam de um suposto feminino para o masculino – como os episódios 1 e 2 reproduzidos e analisados a seguir –; e nos outros quatro restantes (todos de TI), as marcas de gênero deslizam de um suposto masculino para o feminino – como os episódios 3 e 4 também reproduzidos e analisados a seguir.

### **Episódio 1**

(Investigadora mostra uma imagem a F)

I: Fê, olha que bonita a tartaruga, olha... Olha aqui ó. (Pausa) Que linda a tartaruga.

F: É o Beto. É o -

I: Risos.

F: É o luga.

I: É... O Beto, né?  
F: É **o luga**.  
I: É o Beto.  
F: É **o aluga**. Aluga.  
I: É, a tartaruga, né?  
(FE 1;11.27)

### Episódio 2

(T, a mãe e a investigadora estão conversando.)  
I: Daniele, o Tiago foi à escola hoje?  
M: Foi.  
I: Foi?  
M: (Falando para T) Que carro que você foi hoje? No carro azul?  
T: Não. No marrom.  
M: No marrom?  
T: É.  
M: Mas num é ônibus não, né?  
T: Não.  
M: Que que é?  
T: **Peru**.  
M: (Rindo) Peru?  
I: Peru?  
M: Ou perua? É perua?  
T: É.  
M: Hum.  
(TI 3;05.02)

Esses dois episódios condizem, de uma forma ou de outra, com as descrições morfossintáticas de Mattoso Câmara. Os episódio 1 sustenta a hipótese do artigo – ou mesmo, do determinante – como responsável pela atribuição do gênero aos nomes em PB (Mattoso Câmara, 2019 [1970]), uma vez que a marcação de gênero divergente se dá justamente no determinante (de “a” para “o”, sem que haja mudança da vogal final do nome em questão (“tartaruga”, e não “tartarugo”). Já o episódio 2 sustenta a hipótese da oposição privativa formal entre masculino e feminino (Mattoso Câmara, 2019 [1970]), uma vez que a marcação de gênero divergente se dá por meio do uso da desinência zero, e não de “-o” (“peru”, e não “peruo”).

### Episódio 3

(T e a irmã B estão brincando com diferentes tipos de carrinho enquanto a mãe e a investigadora os assistem.)  
T: Be-enice, num é guincho não.  
B: Não? Como é que é?  
T: É guincho não.  
M: “É gancho”, diga.  
T: É caminhão.  
M: “Caminhão com gancho”, diga pra Berenice.  
T: Caminhão com **gancha**.  
B: Gan-cho.  
M: (Falando para a investigadora) Aí ele, é... Na hora que ele pode, ele dá uma de autoridade.  
T: (Choramando) A Be-enice, mamãe.  
B: Tá, é caminhão de gancha.  
M: Que que é? Que que a Berenice tá falando?  
B: Ele falou “caminhão de gancha”.  
T: Caminhão de **gancha**, Be-enice.  
B: Caminhão de gan-cho.  
T: (Choramando) Aham.  
B: É caminhão de gan-cho.  
T: A Be-enice, mamanhê.  
I: (Falando para T) Vai... Fala “a Berenice tá chateando o Tiago”.  
(TI 2;07.10)

### Episódio 4

(T, a mãe, a colega L e a investigadora estão folheando juntos um livro de figuras.)

T: É **a mendoim!**

M: Que que tá fazendo com o amendoim?

T: Cozinhando.

L tosse.

T: Tá cozinhando **mendoim**.

M: Será que a Luciana sabe como é que faz o, como é que cozinha o amendoim?

T: É, fazeno fogo no fogão.

I: Hum.

T: E **a mendoim quebrada**.

I: Amendoim quebrada? Hum.

M: E por que que a gente quebra o amendoim, Tiago?

T: Pa abri.

M: Hum.

T: E **otas mendoim! Bastante mendoim**.

I: É.

T: **Mendoim!**

(TI 4;03.13)

O episódio 3, em oposição ao episódio 1, contraria a hipótese de que recai sobre o artigo – ou mesmo sobre o determinante – a responsabilidade de atribuir gênero aos nomes em PB (Mattoso Câmara, 2019 [1970]), uma vez que a marcação de gênero divergente se dá na vogal final do nome, tomada como indicadora de gênero (de “gancho” para “gancha”), sem que haja alteração no determinante (até porque em “com gancha” não há determinante). Já no episódio 4, a marcação de gênero divergente não se dá nem pela substituição de um segmento por outro – como nos episódios 1 e 3 – e nem pelo apagamento de um segmento – como no episódio 2 –, mas sim por uma quebra outra, equivocada (e mesmo inusitada, ao menos do ponto de vista do falante nativo adulto), do significante em questão: “amendoim” tomado como “a mendoim”. Em outras palavras, a vogal inicial do nome é tomada como seu determinante devido a uma reinterpretação da sequência fônica; ao que TI diz “a mendoim quebrada” e “otas mendoim”, e não “(o) (a)mendoim quebrado” e “otos mendoim”.

Descrever que as marcas deslizam de um suposto feminino/masculino não significa dizer que os nomes nos quais o erro se dá não sejam gramaticalmente femininos/masculinos. Esse suposto “feminino” é, na verdade, um suposto “feminino em oposição ao masculino”; e esse suposto “masculino” é, na verdade, um suposto “masculino em oposição ao feminino”. Assim, nessa ideia mesma de suposição está implícita a assunção do sexual, que, para a psicanálise lacaniana, é pura oposição/diferença. Em outras palavras: o erro de gênero gramatical pressupõe a assunção do sexual. E é nessa pressuposição, nessa tentativa de normatizar a língua, que os sujeitos tentam, a seu próprio modo, estabelecer sentido ao sexual, à pura diferença, ao desprovido de sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese do deslizamento unidirecional de um suposto feminino para o masculino na fala de meninos se fundamenta em um discurso transversal (Pêcheux, 2014 [1975]) segundo o qual “se (você) é do sexo masculino, as marcas de gênero (na sua fala) deslizam para o masculino”. Os episódios encontrados, contudo, não sustentam essa hipótese, colocando em questão os efeitos de transparência desse discurso transversal: afinal, quem classifica esses sujeitos como pertencentes ao gênero masculino? Essa classificação se deve às características corporais? À educação dos pais? E por que “ser masculino” levaria, necessariamente, a “marcar no masculino”? Será que não estamos inseridos em uma heteronormatividade muito marcada? Já dizia Freud

(2016 [1905]) que a bissexualidade é constitutiva, que “apenas com a puberdade se estabelece a nítida separação entre caracteres masculinos e femininos” (p. 138) e que:

No caso do ser humano, nem no sentido psicológico nem no biológico se acha uma pura masculinidade ou feminilidade. Cada pessoa apresenta, isto sim, uma mescla da característica biológica do seu sexo com traços biológicos do outro sexo, e uma combinação de atividade e passividade, tanto na medida em que esses traços de caráter psíquicos dependam dos biológicos como em que sejam independentes. (Freud, 2016 [1905], p. 139-140)

De todo modo, embora suscite questionamentos como os apontados acima, a presente pesquisa indica a existência de uma relação entre os erros de gênero gramatical e o complexo de Édipo – ou, de modo mais amplo, entre a língua(gem) e a sexuação – na fala de meninos entre 1 ano e 9 meses e 4 anos e 3 meses de idade. Assim, também na fala de crianças do sexo masculino, o complexo de Édipo deixa marcas na trajetória da criança na/pela língua, fazendo com que o gênero seja uma zona privilegiada de erros – conforme teorizado por Lemos (2002).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIRA. A criança na língua: erros de gênero como marcas de subjetivação. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 29-48, 2005.

FREUD. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: Obras completas, volume 6*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [1905], p. 13-172.

LACAN. Os três tempos do Édipo. *In: O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 [1958], p. 185-220.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Trad. M. D. Magno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 [1972-1973].

\_\_\_\_\_. O aturdido. *In: \_\_\_\_\_, Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1973], p. 448-497.

LEMOS. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 41-69, 2002.

\_\_\_\_\_. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na aquisição da linguagem. *In: LIER-DEVITTO, M. L.; ARANTES, L. (org). Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: Educ, 2006. p. 21-32.

\_\_\_\_\_. O curso de linguística geral de Saussure no retorno a Freud de Lacan. **Revista Cult**, São Paulo, ano 19, n. 216, p. 58-61, set. 2016.

MATTOSO CÂMARA. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2019 [1970].

PÊCHEUX. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1975].